

UM OLHAR SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE FIGURAS MÍTICAS ANIMAIS NO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE

Beatriz Aparecida ALENCAR
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
bia83_12@hotmail.com

Resumo: O Pantanal do Mato Grosso do Sul está situado em Corumbá, município que ocupa um território de 64.968,84 km², limita-se à oeste com a Bolívia e ao norte com o estado de Mato Grosso. É uma região bastante antiga no estado e povoado por pessoas de diversas origens e crenças que agregadas à natureza foram ao longo dos tempos concebendo a cultura local. Nesse espaço, personagens lendárias ou sobrenaturais são assuntos recorrentes nas narrativas de moradores e assumem forma de gente, animal ou ‘coisas’ que se manifestam através de luzes, vozes, ruídos ou mesmo por meio de sensações ou percepções que povoam o imaginário popular. Dessa forma, essas entidades se mantêm presentes nas memórias ou nos causos de peões, pescadores e antigos habitantes que vivem em contato com a mata, bichos e acidentes geográficos. Destacam-se nesse trabalho, de modo particular, animais que receberam conotação mítica para a cultura pantaneira recebendo interpretações diversas. Sendo assim, utilizando os pressupostos teóricos da semiótica greimasiana, sobretudo Barros(1988) e Fiorin(2006), recorreremos aos conceitos de tematização e figurativização, pertencentes à semântica do nível discursivo para analisar relatos que retratam esses seres míticos. Pretendemos chegar às invariantes em torno das quais se constroem essas narrativas.

Palavras-Chave: Semiótica Discursiva; Tematização; Figurativização; Animais míticos.

1. INTRODUÇÃO

O Pantanal Brasileiro está localizado em dois estados: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e é uma planície sedimentar “que se alaga periodicamente, quando os rios se avolumam e jogam suas águas nas baixadas, enchendo vazantes e corixos, baías e lagoas, transformando-se numa coisa só de água espalhada, semelhante a um mar doce em certas águas” (PROENÇA, 1997, p.13). A área alagada se deve a lentidão de drenagem das águas e ao pequeno número de montanhas que contribui para a formação desse mar interior. Nesse local, a economia vem em grande parte da pecuária, do turismo e da pesca. O Pantanal possui várias sub-regiões, optou-se por trabalhar neste artigo somente com uma delas, a de Nhecolândia, visto que a localidade se tornou espaço para um campo fértil de crenças, superstições, fatos sobrenaturais no imaginário popular. Esse imaginário transformou essa região em cenário dos principais fatos místicos que serão apresentados na sequência.

A análise proposta será feita a partir de narrativas que possuem como personagem alguns animais que receberam conotação mítica para a cultura pantaneira recebendo interpretações diversas. São eles: o bugio, a anta e a ema, seres relacionados à figura do Maozão¹

Para realizar este estudo, o embasamento virá dos pressupostos teóricos da semiótica greimasiana e em seus seguidores, tais como Fiorin (2006) e Barros (1988), com o conceito

¹ Maozão: “É um personagem mítico característico da região da Nhecolândia.

de tematização, pertencente à semântica do nível discursivo. Pretendendo chegar às invariantes em torno das quais se constroem essas narrativas do Pantanal sul-mato-grossense.

2. OS PANTANAIS E SEUS MISTÉRIOS

O Pantanal é uma planície sedimentar que faz parte do território de dois estados brasileiros: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Além disso, uma parte de seu território se encontra na Bolívia (Chaco) e na República do Paraguai. Esse bioma está situado na Bacia do Rio Paraguai. O Pantanal é dividido em Sub-regiões, são elas: Pantanal de Cáceres, do Poconé, de Barão de Melgaço, de Paiaguás, da Nhecolândia, do Paraguai, de Aquidauana, de Miranda, do Abobral e do Nabileque. Observe o mapa abaixo:



Fonte: Garcia, 1981.
Organizado por: ORMIRO FILHO, 1999.

MAPA01

Segundo Virgílio Correa Filho, os Pantanaís Mato-Grossenses são peculiares e sua definição é diversa em relação à definição proposta pelo dicionário:

Pantanal, em Mato Grosso, não é simplesmente sinônimo de pântano, terreno brejoso, como definem os dicionários. Especifica-se a denominação, quando aplicada à vasta região antropogeográfica de fisionomia singular, cujo relevo, cuja vegetação e economia resultam de atividades fluviais. Semelha-se, de certa maneira, a imenso fundo de concha, sulcado pelo Rio Paraguai e seus tributários, que imprimem à paisagem feições peculiares, com o ritmo de suas alagações anuais, quando se lhes misturam as águas em ampla coalescência, dilatada por léguas e léguas, à laia de imenso lago efêmero, em que mal se distinguem os canais permanentes (...) O Pantanal de Cuiabá não é completamente igual ao do Taquari, como este, por sua vez, distingue-se do Pantanal do Miranda e dos demais” (FILHO, 2010, XIX).

Tendo em vista a diversidade que os Pantanaís apresentam geográfica, biologicamente e suas características culturais optou-se por dedicar especial atenção, neste trabalho, as narrativas coletadas no Pantanal da Nhecolândia por ser a localidade em que se encontravam os contadores e também por ser o cenário da maior parte das narrativas populares utilizadas².

O Pantanal da Nhecolândia é composto por um território de 6.692.100 hectares de extensão que totaliza 19,48% de todo o seu bioma, o que compreende parte dos municípios sul-mato-grossenses de Rio Verde de Mato Grosso, Aquidauana e Corumbá. Nessa localidade, existe a criação extensiva do gado, sobretudo por seus vastos pastos e abundância de água, já que esta região possui a presença dos rios Taquari, Paraguai e Negro que a cortam. Também existe a fauna e as belezas naturais que atraem muitos turistas brasileiros e estrangeiros para as fazendas da região.

É nesse lugar que surgem, como presença constante, os pantaneiros, pescadores, miscigenação entre as várias etnias formadas por sul-americanos, indígenas e europeus que habitaram a região; vindos, em sua maioria, pelo Rio Paraguai (Corumbá) por ser via de acesso da população européia a região, ainda no século XVI. Destacam-se, também, os episódios, contos, causos e personagens em diferentes momentos da história dessas localidades, embalados pelo movimento do rio Paraguai e pelas sombras desse bioma que povoaram e povoam, ainda hoje, o imaginário popular.

3. OS ANIMAIS PRESENTES NAS NARRATIVAS DO PANTANAL DA NHECOLÂNDIA

A Nhecolândia foi uma região que antigamente era chamada de Fazenda Firme e que teve a necessidade de ser reconstruída a partir da Guerra do Paraguai (1864-1870)³, por um dos filhos do Barão de Vila Maria, Joaquim Eugênio Gomes da Silva, conhecido como

² As narrativas indicadas por números (ex. Narrativa nº 21) compõem a “Antologia” da obra “A teia do Contar na Nhecolândia: A personagem lendária do Mãozão”, da autoria da professora Áurea Rita de Ávila Lima de Ferreira. Já as narrativas indicadas por iniciais, letras e números (ex. A.R.52F) são fragmento da obra: “A Natureza do Pantaneiro: relações sociais e representações do mundo no ‘Pantanal da Nhecolândia’”, de Álvaro Banducci Junior.

³ A Guerra do Paraguai foi um conflito armado internacional que envolveu o Paraguai contra a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai. Essa guerra, que aconteceu entre os anos de 1864-1870, teve episódios em Corumbá, cidade que tem como distrito a localidade de Nhecolândia. Inclusive, a cidade teve que ser reconstruída após o conflito.

Nheco, foi a pessoa que decidiu restaurar e ocupar essa antiga fazenda. Os trabalhos foram sendo realizados nesse intento e após a reconstrução da fazenda, houve uma partilha sucessória da família e o nome da localidade ficou definida dessa forma em homenagem ao seu restaurador.

Essa localidade é formada por diferentes origens e grupos com seus aspectos culturais próprios que vão estar refletidos nos traços linguísticos, nos costumes, numa maneira de ser, nas crenças, nas lendas, nos causos”. (FERREIRA, 2009, p. 45). Essa área é composta de várias fazendas (ANEXO 1), uma delas, a Fazenda Nhumirim, se destaca por ser a sede da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

As principais histórias foram coletadas em conversas e rodas de tereré nessas fazendas da Nhecolândia. Um dos mais importantes personagens é o Maozão, descrito de diferentes formas, em alguma delas, como um ser semelhante a um homem, preto e cabeludo; em outros momentos, com fisionomias que descrevem a criatura como passível de mutação: “Diz que era um enorme bicho preto. Ele só viu que era essa, ++ esse vulto bem grande e feio diz que né” (Narrativa 02). Em outras narrativas, sobre a figura do Maozão, dá-se a entender que ele possui a anta como um companheiro, “o maozão é considerado um homem cabeludo que sempre está acompanhado da anta” (Narrativa 37). Porém, nessas narrativas não é descrito a figura do Maozão, só da anta:

“Aí foram, pegaram a batida dele. Mas tinha a batida dele e duma anta. É, diz que essa anta é que encaminhava ele. E foram e ficaram preocupado e vai atrás e nada, né. Aí chegaram num certo lugar, de areião assim, num pé de frutas. Tinha a batida dele e a batida da anta. Que a anta diz que leva { }”.
(narrativa 06)

Nessa narrativa, o menino é encontrado depois de 21 dias desaparecido, deitado na beira duma *baía*. “Ele já estava nuzinho, estava nuzinho, que ele estava + sem camisa, sem a calça. Nuzinho, peladinho, sentado na beira da *baía*, assim, triste que ele estava já, sabe” (narrativa 06).

Ainda há histórias que confirmam o poder mutante do Maozão, até mesmo considerando que essa personagem seja uma anta que se transforma nesse ser sobrenatural. “Ele é igual assim como uma anta. Ele vai crescendo, crescendo, assim como anta assim, um bichão cabeludo. Daí ele vira aquele monstro assim, um homi, preto, cabeludo, barbudo. Da anta ele vira um homi”. (A.R. 52F)

A anta tão associada à figura do Maozão possui nessas narrativas significados diversos, sendo ora considerada como uma entidade benéfica, “protetora, bondosa” que protege as crianças ou homens quando se perdem, acompanhando sua caminhada; ora como uma entidade maléfica, por ser interpretada como a “anta raptora. “ Não é na verdade, o animal ‘anta’ que o leva consigo, porém, um bicho, um ‘troço’ (ou vários) na forma de uma anta, reconhecido pelas pegadas no solo; as mesmas pegadas que denunciam sua condição dúbia, sobrenatural” (BANDUCCI, 2007, p. 197).

Nas narrativas citadas, como em outras que não foram apresentadas aqui, há a visualização da transformação, da metamorfose, da composição da anta. Conforme Barros(2005), tematizar um discurso é:

formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos. Em outras palavras, os percursos são constituídos pela recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente. Para examinar os percursos devem-se empregar princípios da análise semântica e determinar os traços ou semas que se repetem no discurso e o tornam coerente (BARROS, 2005, p.66).

Importa, também, destacar que para Fiorin (2006), tematização e figurativização são dois níveis de concretização do sentido, em que o primeiro, possui uma “função descritiva ou representativa”, portanto, mais abstrata, e o segundo, “função predicativa ou representativa,” logo, mais concreta:

A oposição entre tema e figura remete, em princípio, à oposição abstrato/concreto. No entanto, é preciso ter em mente que concreto e abstrato não são termos polares que se opõem de maneira absoluta, mas constituem um continuum em que se vai, de maneira gradual, do mais abstrato ao mais concreto. A figura é o termo que remete a algo existente no mundo natural: árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc. Assim, a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural. (...) Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc (FIORIN, 2006, p.91).

O quadro abaixo sintetiza os elementos analisados nos recortes que compõem nosso *corpora*:

Caracterização Física	Ações	Tema
Como uma anta	Crescendo, transformando	mudança
Bichão cabeludo	Vira aquele monstro assim	transformação
Homi preto, cabeludo, barbudo	Da anta ele vira um homem	humanização
Tinha a batida dele e de uma anta (acompanhando)	Anta acompanhando	descoberta-conhecimento
Anta	Levando encaminha	proteção

QUADRO 01 – A figura mitológica da Anta⁴

A tematização é apresentada através do clima de mistério utilizada durante a “contação das histórias” criando um espaço místico e não menos instigante para os que estão envolvidos com o desenrolar da narrativa. Esse clima é reforçado pela transformação do Maozão, ora em animal, ora em um homem cabeludo. Apesar de ser uma narrativa mítica cabe citar que: “Quando se diz que a figura remete ao mundo natural, pensa-se não somente no mundo natural efetivamente existente, mas também no mundo natural construído (FIORIN, 2006, p. 91). Aqui, esse mundo natural é construído nas narrativas e também se ampara em elementos da realidade, os elementos figurativos: a presença da anta com atitudes

⁴ Nessa tabela é descrito sucintamente as caracterizações do Maozão e da Anta, visto que os animais estão sempre próximos nas narrativas citadas, às vezes, descritos como o mesmo ser e, outras vezes, descritos como seres que se acompanham.

que a caracterizam, *anta acompanhando*, a *batida da anta*; e também, as sensações descritas pela pessoa que fazia a busca pelo menino desaparecido: *ficar preocupado*; ainda, a forma como o menino é encontrado, *deitado na baía*, *nuzinho*, *estava sem camisa*, *sem calça* e *expressão triste*. Todos esses elementos configuram características ou reações que provavelmente contemplariam a atitude das pessoas em situações semelhantes.

O mesmo acontece com a associação do personagem Maozão a outro animal, a ema: “...diz que ele correu atrás de uma ema + e essa ema diz que foi em direção, no rumo do Campo Léia. Lá, no varar a cerca, diz que a ema, o cavalo enganchou, ele pulou do cavalo e saiu atrás da ema, até hoje”. (Narrativa 43). Essa presença é citada também na narrativa 21: “E aí apareceu esse, esse homem, né. E atacou ele, atacou, pegou ele. Diz que deu uma surra nele, diz que estava com uma:, você conhece : ovo de ema? Conhece, né. Diz que ele deu ovo de ema, quebrou e diz que deu pra ele comer, esse rapaz”. (Narrativa 21)

O Maozão, um dos personagens mais recorrentes nas narrativas não é o único dos animais citados em relação aos fatos sobrenaturais nos Pantanaís sul-mato-grossense. Também destacamos a figura do bugio, uma espécie de macaco, que acaba por aproximar-se devido algumas de suas características citadas, a figura humana. Há um pensamento popular referenciado em “A Natureza do Pantaneiro”, de Álvaro Banducci Junior, citando um estudo de Galvão em 1976 que apresenta a crença do macaco ter sido gente: “Esses animais são considerados, num tom jocoso e ao mesmo tempo grave, como tendo um parentesco com os negros. Segundo o autor, os macacos são tidos por bichos malignos, visagentos, que assombram as pessoas e violentam as mulheres à noite” (BANDUCCI, 2007, p.188).

De acordo com o Dicionário de Símbolos, a presença do macaco nas diferentes etnias é bastante diversa de acordo com os valores culturais de cada grupo, mostrando-se às vezes complementar em diferentes regiões do planeta, e, por vezes, contraditórias:

“A síntese dessas tradições, ao mesmo tempo contraditórias e homogêneas, talvez se encontre na interpretação que faz do macaco o símbolo das atividades do inconsciente. De fato, o inconsciente se manifesta sem que possa ser dirigido por um regulador – seja sob uma forma perigosa, desencadeando as forças instintivas, não controladas e, conseqüentemente, degradantes; seja sob uma forma favorável e inesperada, dando subitamente um traço de luz ou uma inspiração feliz para agir. Do inconsciente, ele tem o +aspecto duplo: maléfico, à imagem do feiticeiro; e benéfico, à imagem da fada, mas ambos irracionais” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 575)

Ainda no mesmo material bibliográfico, o macaco possui várias acepções, a primeira define-o como sendo, “muito conhecido por sua agilidade, seu dom de imitação, sua comichade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p.573). A presença desse mamífero nas diferentes culturas e momentos permite várias significações, entre elas, destacam-se: no Camboja, caçar macaco é uma forma de obter chuva; no Japão, é evitado ser pronunciado o nome do primata durante um casamento porque existe a crença de que pode provocar a fuga da noiva, porém, também simboliza em outros contextos, o afastamento de maus espíritos, representado por bonecos para crianças que são oferecidos a mulheres grávidas para auxiliar no parto. A presença do animal também é destacada em alguns mitos, no Tibet, no Extremo Oriente, seus valores são de sabedoria e desprendimento; no Egito, sob a forma do grande cinocéfaló branco, é o deus Tot, patrono dos sábios e letrados.

Ao observar os significados descritos acima, é perceptível que o macaco engloba temas diversos e que suas definições o caracterizam como um símbolo para as etnias citadas:

“Dependendo do texto em que essas figuras estiverem inseridas, podem concretizar, por exemplo, o tema do requinte ou do arcaísmo. Isso significa que uma figura sozinha não produz sentido, é a relação entre elas que o faz. Quando se fixa uma relação entre temas e figuras, há um processo de simbolização. Nela estabelece-se para uma dada figura uma determinada interpretação temática. O símbolo pode então ser definido como uma figura cuja interpretação temática é fixa. A mulher de olhos vendados com uma balança na mão (figura) simboliza a Justiça (tema); a coruja, a Sabedoria, etc. O símbolo é sempre um elemento concreto a veicular um conteúdo abstrato”(FIORIN, 2006, p. 95-96).

Nas culturas indígenas da América do Sul, também há algumas simbologias associadas ao animal. Para os maias e astecas, o macaco é o patrono de um dos dias do calendário, sendo assim, as pessoas nascidas apresentam características comuns. Para os astecas, “tem por temperamento, ser felizes e amados por todos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 574). Para os maias, a pictografia mostra a associação ao macaco-sol: “o sol, enquanto patrono do canto e da música, chamado de príncipe das flores, é frequentemente representado sob a forma de um macaco” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 574).

Para os guarayus, da Bolívia, “no caminho que leva ao Grande Ancião, os mortos têm de submeter-se a diversas provas, uma das quais consiste em resistir às cócegas que lhes faz um macaco de unhas pontiagudas” (LEVC, 130). (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 574).

De acordo com um mito dos índios bororos, registrado por Colacchini e Albisetti, citado por C. Levi Strauss (LEVC, 135), o macaco, “era um homem que representava um herói civilizador por inventar a técnica de produzir fogo por atrito”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 574).

É possível perceber, nas narrativas do Pantanal, a semelhança entre o animal e o ser humano. Em uma das narrativas, o bugio comporta-se de forma semelhante ao homem, não somente por fazer um “curativo” em sua ferida, mas também por suas expressões que causam piedade a quem as vê: “se a pessoa atirá ele, dá tempo dele pegá uma folha verde, mascá aquela folha, aí ele coloca naquele lugar da bala ali, aí ele num morre. Qué dizê que a pessoa vê aquilo, ele fazê aquilo, já num vai mais atirá ele, né?” (B.R. 36 M). Nessa narrativa, destaca-se como tema: a piedade e a humanização do macaco, já que através de sua fisionomia o ato de tentar sanar seu machucado acaba sensibilizando o homem que pretendia atacar o animal. Figurativizado pela sequência de atos, em que: a pessoa *atira*, o macaco *pega uma folha verde, masca e coloca naquele lugar, num morre*. Logo, o homem *num vai atirá*.

Ainda há mais uma narrativa que aborda o mamífero e que nos remete a uma das definições trazidas pelo Dicionário dos Símbolos. Essa definição está ligada a sensualidade, fertilidade e proteção da cria atribuídas aos indianos e também aos maias e astecas, já que, “o mesmo macaco tem também um caráter sexual: é símbolo de temperamento ardente e até mesmo incontinente” (THOT). Ou mesmo, no papel do Deus Baba, “o macho entre os babuínos, é brigão, sensual e desajeitado. “... na Índia, além de ser considerado um símbolo da alma, as mulheres estéreis se despem e abraçam a estátua de Hanuman, o macaco sagrado, para tornarem-se fecundas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 573)

Em uma narrativa proferida por um vaqueiro ele é apresentado como genitor e protetor de sua cria e de sua fêmea:

E tinha um bugiozão daqueles que tava com um bugiozinho no braço assim, segurano, né? Dá de mamá pro bugiozinho delle, né? Deita, coloca no braço assim. De vez em quando, ta segurando a criança... o bugiozinho é igual uma pessoa mesmo, né? Aí o bugio, o macho, tava com um macaquinho no braço assim, um bugiozinho, né? Aí tava os dois cumpadre lá, falô:

‘Ô cumpadre, vão atirá aquele lá?’

‘Vão’, [disse o outro caçador].

(B.R. 36 M)⁵

Mais uma vez a tematização refere-se a figura do animal sendo aproximado ao ser humano, também remete ao tema da proteção. A figurativização se dá através de alguns elementos presentes no texto, como: *bugiozinho no braço assim segurano*, *bugiozinho delle*, o bugiozinho é igual a uma pessoa mesmo. Também é possível visualizar a partir da descrição a imagem do animal segurando o seu filhote. As idéias do aumentativo e diminutivo nessas narrativas reforçam os valores de proteção e dependência. O *bugiozão* traz por si só, a imagem de animal forte, teria força suficiente para proteger, e *bugiozinho*, a idéia de que precisa de proteção, de alguém que possa lhe prover com alimento e carinho. Essas informações se resumem no quadro abaixo:

Caracterização Física	Ações	Tema
Bugiozão	Segurando o bugiozinho	Proteção
Bugiozinho	Mamando	Alimentação
Bugiozinho	Deita, coloca no braço	Proteção

QUADRO 02 – A figura mitológica Bugio

Nota-se que cada uma das narrativas, apresentam princípios ou valores agregados as histórias. Ora através de ensinamentos, outras, com caráter punitivo ou valores sociais, em geral:

Mas a presença tão marcante dessa criatura fantástica no imaginário local deve-se não tanto ao fato do pantaneiro nele ver-se espelhado, mas de poder pensar o seu mundo através dele. O mãozão, justifica acontecimentos insólitos, misteriosos, como o desaparecimento de pessoas no campo; permite que o peão expresse, ainda que simbolicamente, as contradições que se impõem nas relações de trabalho no interior da fazenda e que vem afetando o seu modo de vida; e, ao mesmo tempo, ele reafirma valores sociais, como honra e coragem, e morais, de respeito a família. (BANDUCCI, 2007, p.214)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao analisar as narrativas pantaneiras que descrevem o bugio, a anta e a ema, os últimos relacionados a figura do Mãozão, como conotações míticas para a cultura pantaneira utilizando os pressupostos teóricos da Semiótica Greimasiana, no conceito de tematização,

⁵ (B.R. 36 M)⁵ Narrativa retirada de: “A Natureza do Pantaneiro: relações sociais e representações do mundo no ‘Pantanal da Nhecolândia’”, de Álvaro Banducci Junior.

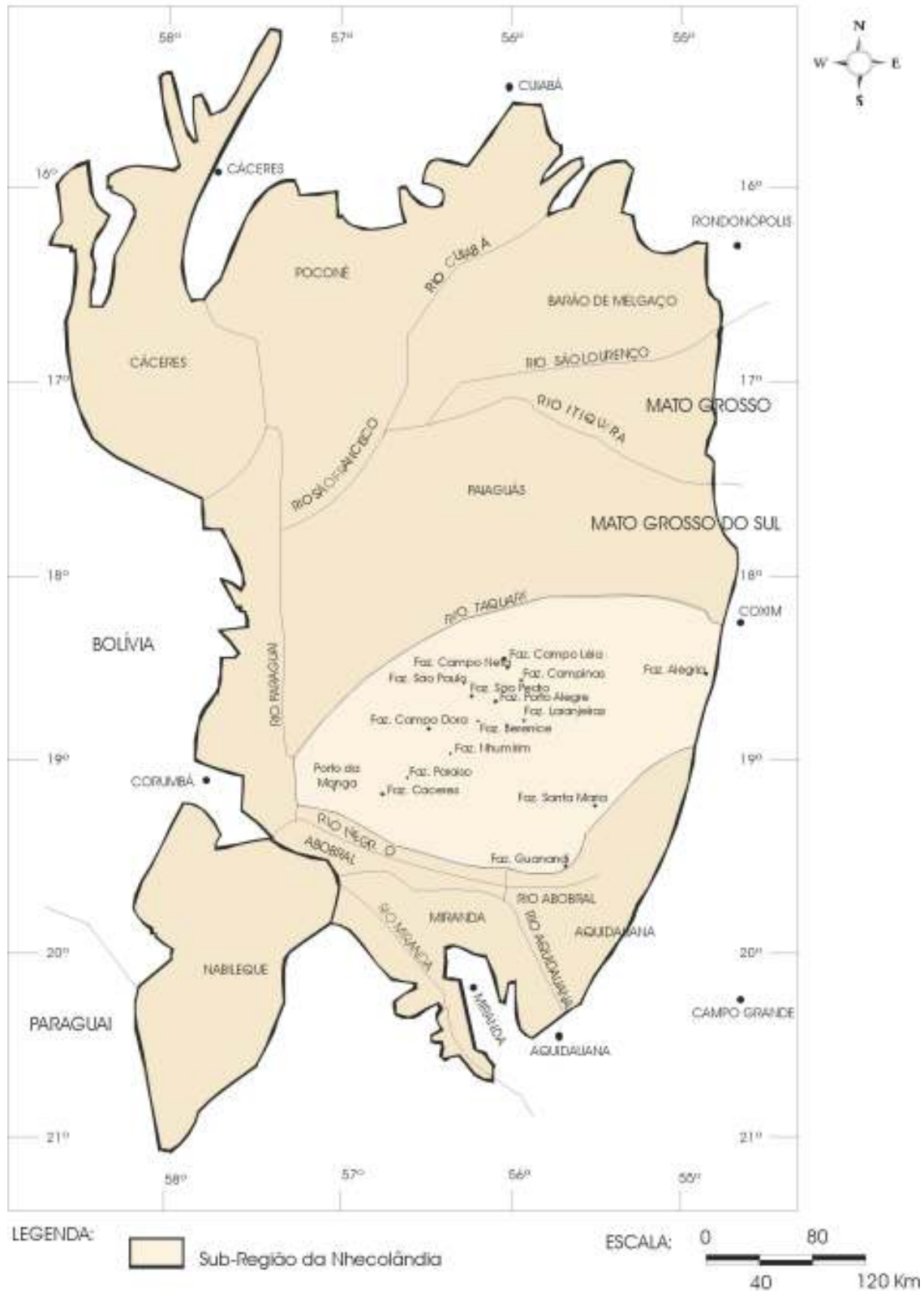
pertencente à semântica do nível discursivo foi possível observar os elementos que construíram e reforçaram os temas que foram sendo destacados em cada narrativa. Esses temas, em sua grande parte, valores sociais, variaram de acordo com as narrativas. Destaca-se o caráter pedagógico pertencente em algumas dessas narrativas: algumas em sentido punitivo, em casos de desobediências de crianças, teimosia dos adultos e descrenças nas entidades; outros, em relação à própria natureza ao ser desrespeitada. Banducci afirma que, “é comum nas culturas indígenas ou populares a crença em seres sobrenaturais protetores das matas e dos bichos. As entidades encantadas, identificadas tanto à figura feminina quanto à masculina no universo popular – “mãe” dos bichos, “pai” do mato” (BANDUCCI, 2007, 191). Segundo o mesmo, essas entidades são protetoras da natureza e punem quem mata em número excessivo animais ou destroem florestas.

Sendo assim, é cabível concluir que os valores agregados pelos contadores e pela cultura pantaneira se transformam de acordo com suas vivências e realidades, o que corrobora a afirmação de Perini (2004, p.45) “que cada língua é a expressão de uma concepção do mundo, e dizer que cada língua reflete uma maneira própria de categorizar as entidades que compõem o mundo.” O que faz com que as narrativas dos diferentes animais aqui apresentados acabem por apontar semelhanças de atitudes, ações ou mesmo valores entre si.

5. REFERÊNCIAS:

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. Editora Ática, São Paulo, 2005.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Tradução de Vera de Costa e Silva et. al. 22 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- FERREIRA, Áurea Rita de Ávila Lima. *A teia do contar na Nhecolândia: A personagem lendária Mãozão*. Editora UEMS/UFMG, Dourados, 2009.
- _____; MARCHI, Maria das Dores Capitão Vigário. Saci, Pombeiro: Variações de uma Personagem Pantaneira. In: *História, Região e Identidade*. Editora UFMS, Campo Grande, 2003.
- FILHO, Virgílio Correia Filho. *Pantanais Matogrossenses. Devassamento e Ocupação*. Coleção Documentos para a História de Mato Grosso do Sul.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos da Análise do Discurso*. Contexto, São Paulo, 2006.
- JUNIOR, Álvaro Banducci. B. *A Natureza do Pantaneiro – Relações Sociais e representação do mundo no ‘Pantanal da Nhecolândia’*. Editora UFMS: Campo Grande, 2007.
- PERINI, Mario Alberto. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- PROENÇA, Augusto César. *Pantanal: Gente, Tradição e História*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1997.

SUB-REGIÕES DO PANTANAL MATOGROSSENSE



Fonte: Adámoli, 1996 b.
Organizado por: ORMIRO FILHO, 1999.